

ABERTURAS E POSSIBILIDADES DA ESCRITA ACADÊMICA: EXPERIMENTAÇÕES, VIVÊNCIAS E AFETOS

OPENINGS AND POSSIBILITIES IN ACADEMIC WRITING: EXPERIMENTATION, EXPERIENCES, AND EMOTIONS

Maurício João Vieira Filho¹

RESUMO

A escrita acadêmica é parte de um processo para comunicar e fazer circular a produção do conhecimento científico. Este texto, em formato de ensaio, se lança com o objetivo de refletir sobre possibilidades abertas de escrita acadêmica que rompam com modelos cristalizados de produção científica e que permitam experimentações textuais no fazer da pesquisa. Para tanto, aposto em duas seções de reflexão cujo intuito é abrir o tema por meio da apresentação das escritas de Gloria Anzaldúa e Conceição Evaristo, que se direcionam a marcar um registro no mundo, significar as vivências e tensionar os saberes; em seguida, aproximamos de um modo de pesquisar movidos pelos afetos. A partir dessas reflexões, neste ensaio, percebo como a escrita acadêmica pode envolver experimentações, vivências e afetos, sobretudo, nos estudos das humanidades e, assim, propor possibilidades abertas de conhecimento.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Gloria Anzaldúa; Conceição Evaristo; Vivências.

289

ABSTRACT

Academic writing is part of the process of communicating and circulating scientific knowledge. This essay aims to reflect on the emerging possibilities of academic writing that break away from established models of scientific production and allow for textual experimentation in research. To achieve this, the essay is divided into two reflective sections. The first section explores the writings of Gloria Anzaldúa and Conceição Evaristo, focusing on how these texts register their experiences, signify lived realities, and challenge established knowledge. The second section examines how research driven by affect can offer new insights. Through these reflections, the essay demonstrates how academic writing can encompass experimentation, lived experiences, and affectivity, particularly within the humanities, thereby proposing open possibilities for knowledge creation.

Keywords: Academic writing; Gloria Anzaldúa; Conceição Evaristo; Lived experiences.

¹ Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Jornalista graduado pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Professor substituto na Faculdade de Comunicação da UFJF. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. e-mail: mauriciovieiraf@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em *Água Viva*, Clarice Lispector (2020, p. 11) provoca: “Quero escrever-te como quem aprende. Fotografo cada instante. Aprofunda as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra”. Nesse romance, a magia da escrita de Clarice envolve as palavras com a mesma delicadeza de quem costura e escolhe os fios, um a um, entrelaçando-os uns aos outros, formando um tecido único. É movido por essa inspiração literária que este texto, em formato de ensaio, se lança com o objetivo de refletir sobre possibilidades abertas de escrita acadêmica que rompam com modelos cristalizados de produção científica e que permitam experimentações textuais no fazer da pesquisa. Não se trata de um ensaio cujo interesse seja alcançar outro modelo ou indicar como deve ser desenvolvida a escrita acadêmica, haja vista que, na ciência, escrever é um ato fundamental para circulação do conhecimento dos trabalhos elaborados por pesquisadoras/es e ocorre de formas distintas em cada área do conhecimento. Entendo que saber como é a estrutura básica de um texto científico e suas características principais seja fundamental para todas/os estudantes e pesquisadoras/es em formação e, para isso, há livros, vídeos e artigos direcionados para a introdução à pesquisa e à escrita acadêmica, com apresentação de elementos básicos como citações, formatação, seções. Contudo, neste texto, volto-me para reflexões a partir de intelectuais importantes na construção dos conhecimentos nas humanidades e que provocam por meio de uma forma de escrever que traz a vida, os passados e os olhares para o mundo ao centro da ação.

Neste texto, entendo que escrever sobre a escrita acadêmica é como uma meta-reflexão do processo. Por outras palavras, quero dizer, voltar-se para a prática da escrita na produção científica é, em alguma medida, direcionar olhares aos modos de tecer um texto que comunique o objetivo proposto por uma investigação. Além disso, o conhecimento científico é constantemente construído a partir das pesquisas, orientadas por perguntas que norteiam os caminhos a serem adotados e que, ao final, serão respondidas pelas/os pesquisadoras/es. Nesse sentido, uma das formas mais comuns para comunicar nossos trabalhos é por meio da escrita de artigos, ensaios e monografias, mas não apenas por meio da circunscrição a esses formatos,

como ocorre com a escrita que pode se dar por meio de vídeos, imagens e outros artifícios comunicacionais. Neste ensaio, porém, quero me deter à escrita em sua forma mais inteligível, entendendo ainda que o modo como cada pessoa escreve é atravessado por escolhas, interesses e práticas; logo, não há como estabelecer um único caminho como o melhor ou mais apropriado ou adequado, mas sendo possibilidades, rupturas e tentativas de comunicação.

Antes de prosseguir às seções reflexivas, faz-se necessário justificar meu interesse por essa abertura pela escrita acadêmica, que, em minha experiência como jovem pesquisador, em processo de doutoramento, parte por alguns movimentos concomitantes que tenho vivenciado. O primeiro deles começou ainda no mestrado em Comunicação, quando tive o primeiro contato com leituras que expandiam a noção de texto. Ao sair da concepção de que um texto é uma estrutura fechada e verbal para uma atividade comunicacional, em relações e processualidade, como escreve Bruno Leal (2018), há um avanço na apreensão de que os textos são fluídos, em permanente processo de tessitura, atualizados a cada leitura e escrita, constituídos por histórias, experiências e pluralidades. A apreensão de Bruno Leal (2018) segue os caminhos de Gonzalo Abril (2007) para quem o avanço de texto para textualidade implica em evidenciar o processo de tecer e de expandir as significações. Com essa proposição, evidencia-se que não existe início ou fim de um texto, sequer começa no primeiro parágrafo e encerra-se com o último ponto final, e sim imprecisões que são parte de um tramar e entamar conforme as diversidades de escritas, leituras e contatos (Leal, 2018). Assim, para este ensaio, estabeleço diálogo com essa afirmativa e entendo que a escrita acadêmica, embora tenha suas características e particularidades, não pode ser compreendida como o processo primário da construção de textos, mas uma etapa com a qual pesquisadoras/es buscam um meio para se comunicar e registrar partes de um trabalho desenvolvido ou em desenvolvimento.

O segundo movimento que me impele a essa escrita acontece no atual estágio de desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado no campo da Comunicação. Sou movido pela sensibilidade e implicação do tema que trabalho diretamente em minha vida² e, para tanto,

² Não aprofundo o tema da tese em desenvolvimento neste ensaio por querer direcionar esforços ao ato da escrita acadêmica. Contudo, tenho me debruçado nas temáticas LGBTQIA+ em interface na Comunicação com o interesse

busco por leituras e caminhos metodológicos que se abrem aos envolvimento do/a pesquisador/a à pesquisa e que desloquem certas concepções que tendem a fechar e, até mesmo, prescrever como devemos escrever e desenvolver uma tese ou qualquer outro formato de trabalho (dissertação, monografia, artigos etc.). Destacar essa perspectiva não significa uma falta de rigor ou ética com o processo, ao contrário, representa uma maneira de desenvolver pesquisas cujo compromisso social e científico seja destacado desde o princípio da investigação, evidenciando as implicações, os desafios e os rumos adotados. Na trama da pesquisa, sou inspirado por Donna Haraway (1995) e a proposta de desenvolvimento de pesquisas cujo olhar seja situado, isto é, um trabalho científico consciente dos limites, da parcialidade que toda escolha teórica, conceitual e metodológica carrega — visto que não podemos (e jamais conseguiremos) abranger a totalidade de um tema — e da responsabilidade constitutiva do fazer ético da pesquisa. Para Donna Haraway (1995), a tradição da ciência é calcada em lógicas normativas que visam estabelecer o conhecimento da modernidade por meio de tentativas universalizantes e reducionistas. Com o intuito de irromper esse tipo de prática que se perpetuou na academia, a filósofa indica o diálogo como caminho que permite reconstruir significados e abrir possibilidades. Minhas inspirações vão além da filósofa e, por esse motivo, pretendo entrelaçá-las na primeira seção deste ensaio com Gloria Anzaldúa e Conceição Evaristo.

Outro movimento que me impele a escrever é parte também das inúmeras atividades que fazemos como pesquisador/a em nosso dia a dia, mas que não ganham o mesmo destaque como nossas produções bibliográficas. Nesse processo de aprendizagem contínua sobre ser pesquisador/a, recebemos pedidos de avaliação de trabalhos, seja elaboração de pareceres para artigos em submissão nos periódicos, seja como parte de bancas avaliadoras de trabalhos de encerramento de cursos. Nesses momentos, temos contato, fundamentalmente, com aquilo que foi escrito e, somente com esse material, podemos indicar caminhos, correções, ajustes e acertos. É uma tarefa complexa que nos impele a asseverar se o trabalho em questão está apto

de entender processos de significação e atualização das questões de gênero e sexualidade em um período específico e abrupto vivido por nós, a pandemia de covid-19.

ou não para ser publicado. Recentemente, tive a experiência de avaliar trabalhos, nos quais, ao lê-los, atentando-me à escrita e às seções propostas pelas/os estudantes, percebi a mobilização de apresentações ou relatos de si como parte da composição do material. Por questões éticas, não adentrarei às especificidades dos trabalhos, nem mesmo aos temas estudados, mas, ao ler os textos, havia um movimento pela escrita cujas tentativas pareciam querer justificar escolhas teóricas, caminhos de pesquisa ou, até mesmo, explicar os motivos que levaram a condução do trabalho daquela forma. Diante de situações avaliativas como essas, parece-me que a abertura para a escrita acadêmica com menos amarras normativas e academicistas compõe uma certa ruptura presente nas pesquisas, sobretudo, das humanidades.

Por esse motivo, a segunda seção deste ensaio traz reflexões com pesquisadoras/es que debatem a virada afetiva (Moriceau, 2019) como uma irrupção acadêmica que envolve e traz os movimentos, as vivências e a vida para o centro do trabalho. Importante salientar, desde já, que trazer uma seção sobre si no texto não configura uma perspectiva afetiva que guia a escrita, sendo que, para tanto, é fundamental reconhecer os afetos como relações que agem sobre os corpos, mobilizando-os, agindo e incidindo, em uma relação de mudanças no mundo.

1. ABRIR-SE ÀS EXPERIÊNCIAS E INSURGIR PELA ESCRITA

Em minha trajetória de pesquisa, tenho buscado por leituras que potencializam o estranhamento de um mundo balizado por normas e opressões. Uma das principais teóricas que permite esse diálogo é Donna Haraway (1995). Com seu pensamento, ancorado em bases feministas, é possível desenvolver pesquisas que sejam honestas e éticas, evidenciando o ponto de vista de onde as discussões partem, a localização das/os pesquisadoras/es e as escolhas por caminhos teóricos e metodológicos. Trata-se da responsabilidade, evidenciada pela autora, como uma forma de ser compromissada/o com o fazer científico. Nessa esteira, entendo ainda que a escrita acadêmica é um dos componentes essenciais com o qual temos a possibilidade de grafar e registrar os resultados, os limites, os achados e os entendimentos alcançados a partir de um estudo. Acredito, portanto, que a escrita é parte de um prisma das responsabilidades que pesquisadoras/es precisam compor nas investigações e ao longo das trajetórias acadêmicas.

Apesar de a escrita acadêmica variar conforme estilos de intelectuais, campos de conhecimento, temporalidades e formatações de textos, há pensadoras/es que se direcionam para uma escrita de caráter político, por meio da qual conseguem elaborar pensamentos, questionar as conformações do mundo e demarcar críticas a partir dos movimentos da própria vida, das experiências coletivas e dos atravessamentos de marcadores sociais da diferença. Nesta seção, vamos caminhar com duas intelectuais que escrevem com base em suas vivências e das coletividades: Gloria Anzaldúa e Conceição Evaristo. O interesse é perceber como a escrita pode ser desenvolvida de forma política e compromissada, conseguindo projetar questões e irromper frente às cristalizações.

Somos levados a refletir com Gloria Anzaldúa, uma teórica fundamental para repensar as lógicas colonialistas e patriarcais que organizam a cultura abrangida como ocidental, em razão de ter um gesto de escrita compreendido como sobrevivência aos regimes de exclusão e violência (Palmeiras, 2018). Falecida em 2004, o legado dos textos de Anzaldúa permanece em tessitura com a força política que constitui as reflexões (Costa, 2004). A resistência ao poder, relação inseparável entendida por Michel Foucault (2023), é presente nos processos de sua escrita e nas ações de dar outras perspectivas à história. Em um de seus textos, ela explicou os motivos que a impulsionam a escrever:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Essa provocação apresenta o eixo motivador de Anzaldúa (2000) e a tentativa de compor, pela escrita, um mundo que tenha sua perspectiva como esse lugar de onde se olha, imbuído por vivências e passados em ebulição, por irrupções contra os ordenamentos, por estranhamentos contra aquilo que se apresenta como centro. Em outros escritos, Anzaldúa (2005) evoca a busca pela consciência que emerge pelas fronteiras, lugar ambivalente onde ocorrem separações, mas também uniões. A noção de fronteira parte, sobretudo, do lugar habitado por Anzaldúa e a consideração de que existem atravessamentos, trânsitos e rupturas. Logo, é uma ação para perceber as culturas, as memórias, as criações.

Nesse sentido, a escrita se torna o meio de romper com narrativas dos sujeitos considerados “universais” que demarcam e classificam os outros. Por isso, Palmeiras (2018, p. 198) interpreta que, “[...] para Anzaldúa, a escrita é um ato de atrevimento, de rebeldia; paradoxal, pois é difícil e, ao mesmo tempo, libertador”. O cerne de Anzaldúa é motivar outras mulheres a escrever sua própria história, construir identidades e a conscientizar sobre a tomada de um lugar no mundo. Assim, ela convoca a “escrita orgânica”, que, em suas palavras, assinala: “não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos [...]” (Anzaldúa, 2000, p. 234). Escrever se torna a ação de se envolver e resistir, de evidenciar saberes ocultados na cultura e de transformar a si e o mundo.

Com Anzaldúa, temos a potencialidade de discutir gênero, sexualidade, raça, territorialidades e diferenças e, em certa medida, tensionar os conhecimentos às experiências. É como Palmeiras (2018, p. 203) conclui: “assim, parafraseando nossa personagem principal, continua-se a escrever (seja a escrita acadêmica ou não) para que confrontemos nossos demônios, para que possamos olhá-los de frente e sobreviver para falar sobre eles”. Não é uma tarefa fácil, pelo contrário, exige comprometimento, abertura para os afetos e responsabilidade. Ao continuar por essa esteira, Conceição Evaristo nos permite apreender uma escrita que emerge na literatura, mas que ganha fôlego para as humanidades a partir das escrevivências.

Entendida como a escrita da vida, a escrevivência é imbuída por experiências e pelo envolvimento das histórias coletivas de quem foi subalternizado na sociedade. Esse fio condutor para a escrita é entendido como “conceito-experiência” por Nunes (2020) que se expande da

literatura para outros âmbitos, entre eles a escrita acadêmica. Trata-se de registrar e destacar a existência, de expandir os sentidos, de multiplicar as possibilidades de contar a própria história. Para Conceição Evaristo (2020, p. 34), a escrevivência “é uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência”. Uma escrita que é carregada pelos passados, pelas familiaridades e pelas ancestralidades cujos objetivos são acentuar o protagonismo de quem foi invisibilizado na sociedade.

A gênese da escrita de Evaristo vem da oralidade e da infância, das histórias que ouvia sua mãe contar (Evaristo, 2020). Em uma entrevista, ela diz que “a escuta me preparou para a sensibilidade com as palavras” (Evaristo, 2019, parágrafo 2). Acredito, então, que abrir-se ao passado, às memórias, aos atravessamentos que nos fundam e ao que nos implica eticamente seja uma chave potente para a escrita acadêmica, sobretudo, nas humanidades, visto que nesse espaço acadêmico temos as chances de debruçar em fenômenos que nos afetam e nos impelem esforços na/para a vida. No caso da escrevivência, Evaristo chama a atenção para a mobilização de uma escrita que consegue incomodar, para evidenciar os racismos e para fazer justiça. Pela linguagem, é possível demarcar o sentido político da existência, mesclar a subjetividade e narrar as vidas (Evaristo, 2020).

Fernanda Felisberto (2020) faz argumentações que vão ao encontro do que apresento neste texto. A professora e pesquisadora salienta que a escrita acadêmica, por vezes, é limitadora ao nos exigir que sigamos estruturas fechadas de texto que impedem o envolvimento direto das subjetividades e da experiência à produção de conhecimento. Ao mobilizar a escrevivência como método em suas atividades docentes e acadêmicas, Felisberto (2020) salienta como as/os estudantes, nas orientações de trabalhos de conclusão de curso, têm articulado a escrevivência aos temas propostos como uma abertura para a liberdade na escrita e o envolvimento do dia a dia nos estudos. Felisberto (2020) afirma que

esse método encena uma possibilidade de escrita com mais autonomia autoral, de interferência e participação na narrativa, além de fluidez, com ritmo e sentidos sem tantos enquadramentos de formato, pois existe a premissa da aproximação do fazer acadêmico com uma realidade vivida em suas práticas cotidianas, dando um sentido de aproveitamento e utilização, que, de certa

maneira, tem diminuído a distância entre os diferentes saberes produzidos dentro e fora da universidade (Felisberto, 2020, p. 170-171).

Nesse processo de incorporar a escrevivência ao texto, como a professora narra, expandem-se os meios para escrever e se integrar à pesquisa. Felisberto (2020) conclui que Conceição Evaristo destaca as narrativas negras e, com esse movimento, possibilita a emergência de escritas acadêmicas que não se restringem mais aos padrões academicistas.

As liberdades de uma escrita que envolve a literatura, o social e o político fazem com que tanto a *escrita orgânica* de Anzaldúa quanto a *escrevivência* de Evaristo sejam presentes na produção de conhecimento científico e impulsionem escritas que possam ser engajadas, éticas e responsáveis. Ter Anzaldúa e Evaristo como exemplos de escritas nos aproxima de um momento da ciência em que as experiências passam a ser constituintes dos saberes e também evidenciam as urgências por tê-las como interlocutoras para o conhecimento.

2. AFETOS NA PESQUISA E NA ESCRITA ACADÊMICA

297

Em continuidade às aberturas para experiências e subjetividades na escrita acadêmica, inicio esta seção recordando-me de um dos primeiros textos científicos que, ao ler, me tocaram pela escrita ao conseguir movimentar e deslocar, aproximar ao mesmo tempo que provocava. De autoria da professora e pesquisadora Sônia Caldas Pessoa, *Acessibilidade afetiva? Da linguagem hospitaleira às redes de relações em organizações* é um texto escrito em primeira pessoa para ser falado, como ela destaca nas primeiras linhas, para o encerramento de um evento acadêmico. Ao tematizar ética, vulnerabilidades, pessoas com deficiências, alteridade e as experiências docentes, Pessoa (2019) escreve como se estivéssemos em uma conversa, olhos nos olhos, presencial, na qual podemos sentir e sermos tocados pelo relato. Não estava no encerramento do evento em que ela participou, mas a sensação era de que conseguia escutá-la. No segundo ato do texto, há o destaque para a pesquisa engajada como uma maneira (que não deve ser lida como melhor ou a mais adequada, mas possível) de seguir por investigações científicas com as interpelações, os afetos e os desordenamentos que esse movimento de

pesquisa pode causar. Em um relato sobre um dia de aula em que uma estudante cadeirante lhe pediu para acompanhá-la ao banheiro, Pessoa (2019, p. 228) pergunta: “mas o que isso tem a ver com a pesquisa?” A situação vivenciada por ela irrompe e desperta ações capazes de impulsionar os saberes e transformar os rumos das produções científicas.

Frente a essa pergunta, é possível também se atentar para a pesquisa engajada cujas transformações no fazer científico ficaram conhecidas como virada afetiva (Moriceau, 2019). Isso direciona para as pesquisas em que pesquisadoras/es se abrem para os afetos e para afetar o mundo, tendo em vista as experiências e os contextos em apreensão. Em espaços acadêmicos cujas lógicas visam a eliminação das marcas de subjetividades e afetos, assim como tentam tornar a escrita impessoal (tal como o uso da terceira pessoa), objetiva e distanciada, os afetos se abrem para processos de ensino-aprendizagem em contato com o mundo, a alteridade e consigo. Para Jean-Luc Moriceau (2019, p. 44), “nós escrevemos porque estamos afetados, mas devemos refletir sobre os efeitos de nossa escrita. Estar afetado pode significar sentir a impossibilidade de não escrever”. Cabe perceber que os afetos não são sinônimos para sentimentos, mas devem ser compreendidos como aquilo que nos impulsiona, altera, mexe com o corpo nas aberturas para os fenômenos. Assim, “eles nos conectam com o que outras abordagens não exploram, geralmente por terem deixado de ser sensíveis a essas dimensões do encontro e da transformação recíproca” (Moriceau, 2021, p. 17).

Ao seguir por essa perspectiva, para Camila Mantovani (2023), conduzir-se pelos afetos na pesquisa representa uma dualidade, sendo ora confortável, visto que sentimos a possibilidade das aberturas, ora de inquietação, uma vez que esse processo é atravessado pelo imprevisível e desafiador. Com a escrita, tentamos, em alguma medida, ordenar e dar sentido aos afetos, mas esse ato precisa ser performativo no que se refere à aparição dos testemunhos, das criações e da sensibilidade (Moriceau, 2021). Todavia, existem desafios como os distanciamentos e as proximidades com os afetos e como trazê-los para a dimensão escrita. Mas, como considera Moriceau (2021, p. 29), precisamos escrever “porque escrita nunca será o suficiente. Porque é preciso transmitir. Porque é assim que nos parece certo e justo”.

Temos, portanto, que a perspectiva dos afetos altera epistemologicamente os campos do

conhecimento, ao passo que segue na contramão das visadas modernas que buscam afastamentos e isenções. Logo, vale considerar que “a pesquisa não é uma busca pelo modelo curto, mas comunicação de experiências de vida, dadas por encontros com gosto da existência que torna urgente o pensar” (Moriceau, 2019, p. 48).

Por fim, como apontei em uma das motivações para escrita deste ensaio, tenho percebido, nessas avaliações de trabalhos que realizei, um movimento de estudantes para uma apresentação que traga a subjetividade ao centro do fazer científico. Por vezes, pelas minhas leituras, percebo que esse relato de si é deslocado e se torna apenas uma autoafirmação ao invés de ser um gesto da experiência trazido ao centro da pesquisa científica. Logo, vale reiterar que a perspectiva dos afetos exige engajamento e responsabilidade, para retomar um dos significados de Haraway (1995), haja vista que é um processo compromissado e ético na construção dos conhecimentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

299

Entre a polissemia institucionalizada no dicionário, o verbete “escrever” é definido como “compor ou redigir um trabalho literário ou científico, artigo jornalístico etc.” (Escrever, 2024). Em seguida, há duas frases que ilustram o significado: “Escreveu um artigo muito bom recentemente. Um pesquisador procura sempre escrever e publicar” (Escrever, 2024). Esse reconhecimento da composição e redação vai ao encontro das diferentes possibilidades de escrita, entre as quais se destaca a acadêmica. Tal como o dicionário Michaelis acentuou na exemplificação, pesquisadoras/es precisam escrever e publicar, visto que são atribuições do nosso ofício e parte do compromisso ético-social que assumimos no desenvolvimento de um trabalho. Mas escrever pode não ser tarefa simples, uma vez que, para um artigo científico, por exemplo, tenhamos que seguir certas particularidades e formatações, algo que muitos periódicos científicos exigem para a publicação do texto. Contudo, acredito que a escrita acadêmica pode se abrir e irromper às lógicas academicistas que restringem o fazer da ciência a textos cujas estruturas parecem ser herméticas e cristalizadas.

Por outra via, este ensaio trouxe reflexões de escritas políticas que adentram os espaços acadêmicos, assinalando lugares de resistência a sistemas de violência e opressão, assim como permitindo insurgências frente às normatividades. Importante enfatizar que toda pesquisa emerge de afetos, dúvidas e incômodos, sendo que os fenômenos podem nos tocar e fazer com que movimentemos em busca de caminhos, porém, por razões diversas, entre as quais a barreira da escrita acadêmica, podem ser desprezados e não reconhecidos como parte das pesquisas e dos fenômenos.

Neste ensaio, escolhi, propositalmente, escrever em primeira pessoa como uma maneira de marcar um lugar como pesquisador conduzido por questões que me implicam no desenvolvimento atual de uma pesquisa de doutorado. Como apresentei, três questões têm me movido: (1) entender que o texto não se reduz a si mesmo, de tal modo que carrega a fluidez e a diluição de fronteiras e limites (Abril, 2007; Leal, 2018); (2) mover-me por uma pesquisa, com a qual percebo implicações em quem sou e no mundo, e, assim, buscar por métodos e reflexões que permitam fluir pela escrita mantendo o rigor e a ética científica; (3) perceber a marcação de singularidades nas pesquisas a partir de relatos e experiências de si, sobretudo, pensando na participação dos afetos como eixo condutor.

Com esse percurso, parece-me importante acentuar que a reflexão sobre a escrita acadêmica deve ser entendida como uma questão epistemológica fundamental para os campos científicos, haja vista que comunicamos, em grande parte, nossas pesquisas por meio dos atos de escrever. Pensar em escritas que sejam insubmissas, para mobilizar o termo trazido por Reis e Grossi (2022), ao qualificar o processo de Anzaldúa, é tentar reescrever ou narrar por outro ponto de vista. Anzaldúa (2000; 2005) nos convoca para uma escrita que se move pela urgência de adentrar fronteiras e traçar um lugar próprio no mundo para a narrativa. Em um mundo tão normatizado e regularizado, quem se destoa dos “universais”, que empreenderam processos coloniais e violentos para separar o mundo, não tinha a possibilidade de evidenciar uma perspectiva própria e situada dos fenômenos. Porém, Anzaldúa provoca que a escrita é o ato de coragem com o qual podemos encontrar as brechas e formas de tecer um colocar-se no mundo. Ao seguir com Conceição Evaristo (2019; 2020), temos a centralidade da escrevivência que

insurge por uma escrita política que enlaça as experiências e o desenrolar das vidas dando o protagonismo para as narrativas de mulheres negras. Esses gestos de escrita têm a força de irromper o fluxo normativo, jogar com as incertezas do mundo e causar estranhamentos às regras que nos conduzem nas relações sociais. Parece-me, assim, que escritas acadêmicas que tenham as potencialidades de Anzaldúa e Evaristo como cerne conseguem, em alguma medida, afetar, mostrar a heterogeneidade, trazer a narrativa de si como movimento e a corporeidade como ação.

Tudo isso nos leva a entender as perspectivas dos afetos nas pesquisas acadêmicas. Como Moriceau (2019) provoca, somos levados a escrever por alguma motivação ou provocação. Nesse processo, somos implicados a trabalhar com questões para gerar pluralidade, por meio de um olhar ético e político, conscientes de que, “[...] na perspectiva dos afetos, há algo que deve nos perturbar, o que deve nos afetar em nossa certeza de estar certo, em nosso ‘direito de ser’” (Moriceau, 2019, p. 45). Logo, são movimentos que questionam as certezas e se desloca juntamente às incertezas com vistas a aprender e conhecer. Convém destacar a escrita, entendida como performativa (Moriceau, 2021), como abertura nas produções acadêmicas, embora seja atravessada pelos desafios do processo.

Para finalizar, muitas vezes, estamos em um processo de desorientação acadêmica quando não sabemos por onde começar e nem mesmo como. Deparamo-nos com uma página em branco, na qual o cursor pisca na tela ou o papel mergulha nosso olhar no intuito de iniciarmos a elaboração da escrita. Recordo-me de momentos assim, principalmente, durante o começo da minha trajetória de pesquisa ainda no mestrado. Pela inexperiência, pelo medo ou pelo receio do que quem ler vai achar do que escrevi, a escrita não fluía, o peso das palavras aumentava a tal ponto de não poder segurá-las. Sair desse ponto de inércia foi possível com duas iniciativas que apontaram possíveis caminhos, deram-me liberdade para escrever e, assim, tentar circular as produções acadêmicas. A primeira foi o curso gratuito de escrita acadêmica idealizado pela professora e pesquisadora Rosana Pinheiro-Machado no *YouTube*. Com vídeos de pesquisadoras/es experientes em diferentes campos do conhecimento, as aulas tematizaram questões centrais para a escrita acadêmica (Curso de escrita..., 2021). Na mesma toada, durante

a pandemia de covid-19, a professora e pesquisadora Debora Diniz idealizou as “banquinhas”, nome dado aos encontros semanais promovidos em seu perfil no *Instagram*, que se tornaram um curso de extensão da Universidade de Brasília (UnB). Hoje, os materiais podem ser consultados no canal do *YouTube* do Anis – Instituto de Bioética. Indico essas iniciativas como forma de compartilhar e ajudar outras tantas pessoas na escrita acadêmica, assim como registrar um agradecimento público por iniciativas gratuitas e abertas que me trouxeram (e acredito que para milhares de pessoas) acolhimento e aberturas para avançar no meio acadêmico (Curso de extensão..., 2021).

REFERÊNCIAS

- ABRIL, Gonzalo. **Análises crítico de textos visuales**. 1. ed. Madrid: Síntesis, 2007.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- ANZALDÚA, Gloria. La consciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- COSTA, Claudia de Lima. Gloria Evangelina Anzaldúa. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 12, p. 13-14, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n389681>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- CURSO DE ESCRITA acadêmica. [S. l.: S. n.], 2021. **17 vídeos**. Publicado pelo canal Rosana Pinheiro-Machado. Disponível em: <https://www.youtube.com/@rosanapinheiro-machado9854/videos>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- CURSO DE EXTENSÃO | Banquinha. [S. l.: S. n.], 2021. **7 vídeos**. Publicado pelo canal Anis – Instituto de Bioética. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZcoVT3i-3y0&list=PLf-Oz5dUh_nijgdDoV9Ef_amyvasWb8AE. Acesso em: 28 abr. 2024.
- ESCREVER. In: **Michaelis**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=escrever>. Acesso em: 28 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. “Esse lugar também é nosso”. [Entrevista concedida a] Ana Paula Acauan. **Revista PUCRS**, Porto Alegre, n. 191, online, jul.-set. 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 164-181.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 28 abr. 2024.

303

LEAL, Bruno Souza. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. *In*: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs.). **Textualidades midiáticas**. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018. p. 17-33.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves. Práticas científicas e vulnerabilidades: passagens, interdições e pontes para a produção de conhecimento. *In*: SARAIVA, Luiz Alex Silva; PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves (Orgs.). **Metodologias vulneráveis**. 1. ed. Cachoeirinha: Editora Fi, 2023, p. 107-129.

MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. *In*: PESSOA, Sônia; PRATA, Nair (Orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2019, p. 41-50.

MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. *In*: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro Marques; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **Afetos: teses e argumentos**. 1. ed. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021, p. 17-31.

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. *In*: DUARTE, Constância Lima;

NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 10-24.

PALMEIRAS, Lara Virgínia Saraiva. A força da escrita de Glória Anzaldúa. **Revista Entrelaces**. Fortaleza, v. 1, n. 14, p. 189-206, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/39803>. Acesso em: 28 abr. 2024.

PESSOA, Sônia Caldas. Acessibilidade afetiva? Da linguagem hospitaleira às redes de relações em organizações. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; SILVA, Daniel Reis; LIMA, Fábila Pereira. **Comunicação e direitos humanos**. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019, p. 221-230.

REIS, Pâmela Laurentina Sampaio; GROSSI, Miriam Pillar. A escrita insubmissa de Gloria Anzaldúa. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 1-4, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n389681>. Acesso em: 28 abr. 2024.

Submetido: 28/07/2024

Aprovado: 21/08/2024

304
